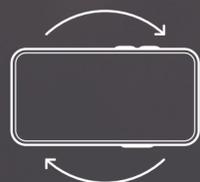


Informativo

Afinidade

Edição 103 | Agosto de 2022



Gire seu smartphone
para visualização
horizontal.



Banrisul
AFINIDADE

Informativo Afinidade

**Unidade de Finanças e
Tesouraria**

**Gerência de Assuntos
Econômicos e de
Investimentos**

macroeconomia@banrisul.com.br

Nos últimos dias, o declínio da atividade econômica mundial ganhou novo contorno, a partir de um episódio de tensão geopolítica entre Estados Unidos (EUA) e China, por conta da visita da presidente da Câmara dos Representantes, Nancy Pelosi, a Taiwan. Com a expectativa de um crescimento econômico anual menos robusto, a evolução da conjuntura tem auxiliado para uma descompressão nos preços das commodities, o

que deverá aliviar a pressão inflacionária à frente.

Cenário Internacional

No cenário internacional, o risco de recessão econômica foi ampliado, após a queda dos índices de gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) percebida nas últimas leituras, em especial, na zona do euro. Apesar de sinalizações de que a pressão no nível de

preços possa estar chegando perto de seu pico, a inflação global permaneceu resistente aos mecanismos de controle das autoridades monetárias, o que sugere um clima mais inóspito para o fomento da atividade econômica ao redor do mundo.

Nos EUA, a primeira leitura do PIB anualizado do segundo trimestre apontou uma contração de 0,9%, resultado que contrariou a expectativa de consenso de

crescimento de 0,3%. Com o segundo trimestre consecutivo de contração, pode-se dizer que a economia dos EUA entrou em recessão técnica. A divulgação mostrou ainda que o núcleo do índice de preços de gastos com consumo pessoal (PCE price index, em inglês) subiu 4,8% em junho ante maio (4,7%).

Já o relatório de emprego, ou payroll, mostrou forte expansão em julho, mês em que foram geradas mais de 520 mil vagas

de trabalho, e assim a taxa de desemprego caiu para 3,5%. Em meio a este cenário, o banco central americano subiu a taxa básica de juros em 0,75 ponto percentual pelo segundo mês consecutivo, ampliando o esforço para controlar a inflação, apesar dos sinais de enfraquecimento da economia americana. O Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC, em inglês) elevou a taxa de juros para uma faixa entre

2,25% e 2,50% ao ano. Ao optar pelo aumento acelerado nas taxas de juros, os dirigentes do Fed, a princípio, demonstram preferir enfrentar uma recessão econômica, ao invés de novos picos inflacionários. Entretanto, uma “aterrisagem suave”, na qual o aumento da taxa básica de juros seria suficiente para desacelerar a demanda sem asfixiá-la, parece mais distante do cenário prospectivo atual.

Na zona do euro, os recentes aumentos das taxas de juros nos EUA desestimularam o euro e encorajaram os investidores a refugiarem-se na divisa americana. Além disso, a decisão mais severa do Banco Central Europeu (BCE), de elevar suas taxas de juros em 0,5 ponto percentual em sua última reunião, representou o primeiro aumento de juros desde 2011. A atitude mais severa do BCE é reflexo do

comportamento da inflação na região, uma vez que a inflação ao consumidor registrou alta de 8,9% em julho em relação a igual período do ano anterior, na leitura preliminar. Esse contexto deverá ampliar as pressões para que os responsáveis pela política monetária do bloco, também, permaneçam duros no combate à inflação.

Sobre a economia chinesa,

mesmo diante da crise notada no setor imobiliário recentemente, o Banco do Povo da China (banco central do país) manteve suas taxas de empréstimo de referência inalteradas, em linha com as expectativas do mercado. Responsável por quase 25% do PIB do gigante asiático, o setor imobiliário é um dos propulsores da atividade econômica global. Assim, mesmo com a estabilização dos casos de Covid-19, o ímpeto imobiliário

pareceu não ter retornado.

Em resumo, o mercado internacional seguiu dividido entre a preocupação com a inflação e com os efeitos advindos de uma possível recessão.

Cenário Nacional

No Brasil, os esforços para manter as engrenagens econômicas aquecidas, embora

importantes para mitigar os efeitos da abrupta aceleração nos preços, poderão facilitar o surgimento de novos episódios de inflação à frente, ao aquecer o consumo. O resultado da arrecadação federal tem surpreendido nos últimos meses e tende a servir como amortecedor para os robustos pacotes de estímulos alcançados para as famílias. Porém, a sustentabilidade das contas públicas no longo

prazo gera um movimento de constante incerteza, com reflexo nas taxas de juros de longo prazo.

O mês de agosto trouxe consigo a quinta reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), na qual a taxa básica de juros foi elevada, pela 12ª vez seguida, em 50 pontos base atingindo os 13,75% ao ano. O colegiado deixou a porta aberta para um “ajuste residual” de menor magnitude, no próximo encontro.

Além disso, a autoridade enfatizou, em diversos trechos do comunicado, que é elevado o grau de incerteza em torno das projeções sob as quais são tomadas as decisões de política monetária. Assim, deveremos acompanhar os próximos dados de inflação e atividade, sem esquecer da conjuntura internacional, que poderá ser fator importante nos próximos passos da autoridade monetária.

Já no que diz respeito à inflação, o dado oficial de julho caiu 0,68% ante junho (0,67%). Essa foi a menor taxa mensal de toda a série histórica, iniciada em 1980. Em 12 meses, o IPCA atingiu a marca de 10,07%. Entre os responsáveis pela deflação, a queda nos preços da gasolina de 15,48% e 11,38% do etanol, contribuíram com -1,04 ponto percentual da taxa do indicador. Além disso, o índice de difusão,

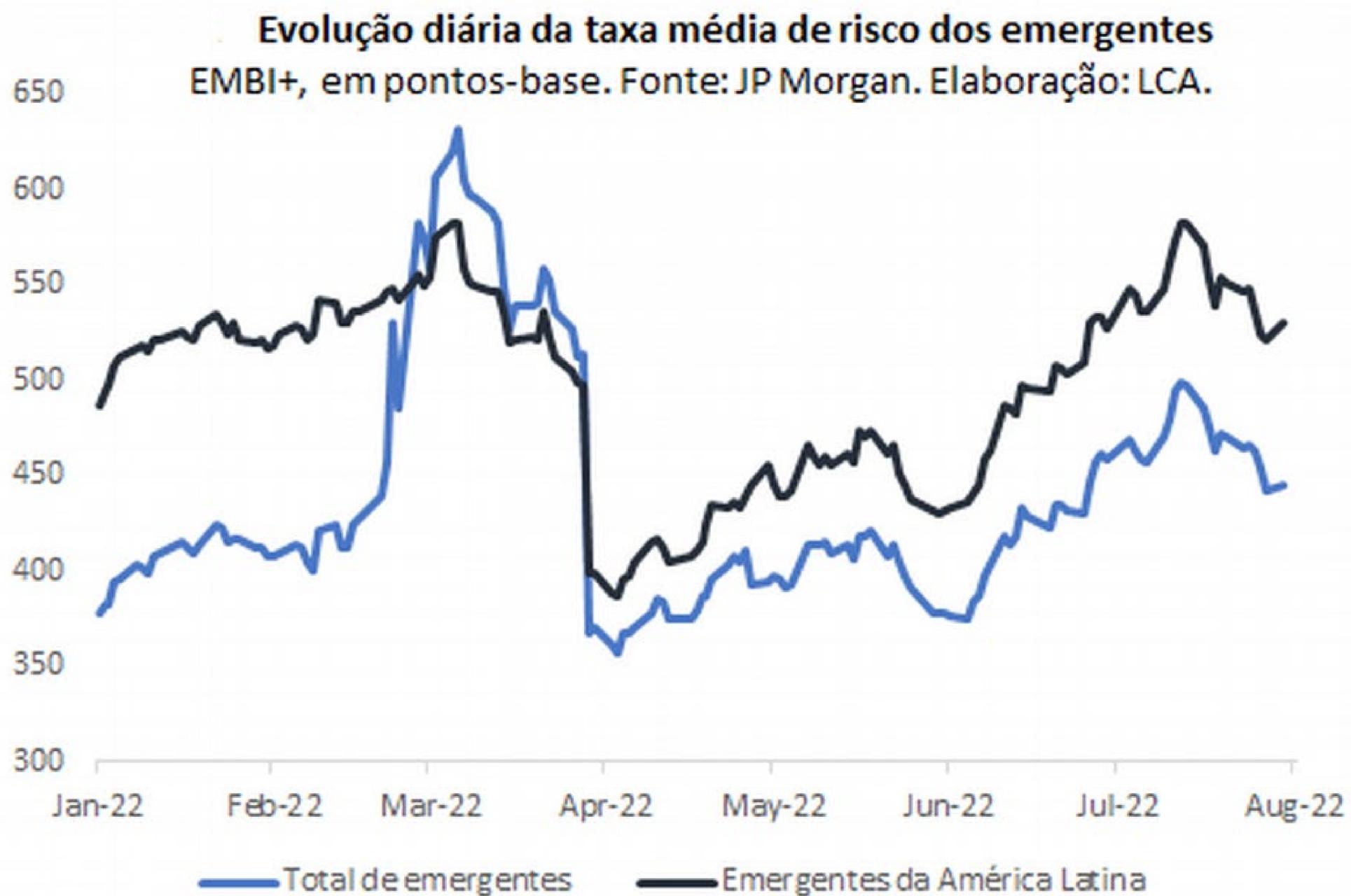
que mede a proporção de bens e atividades que tiveram aumento de preços, saiu de 66,6% em junho para 62,9% no último mês, mais um sinal positivo na leitura oficial de inflação.

Além disso, o mercado de trabalho continuou dando sinais positivos, após registrar em junho abertura líquida de cerca de 277 mil vagas com carteira assinada, segundo dados do Caged. No mesmo sentido, a

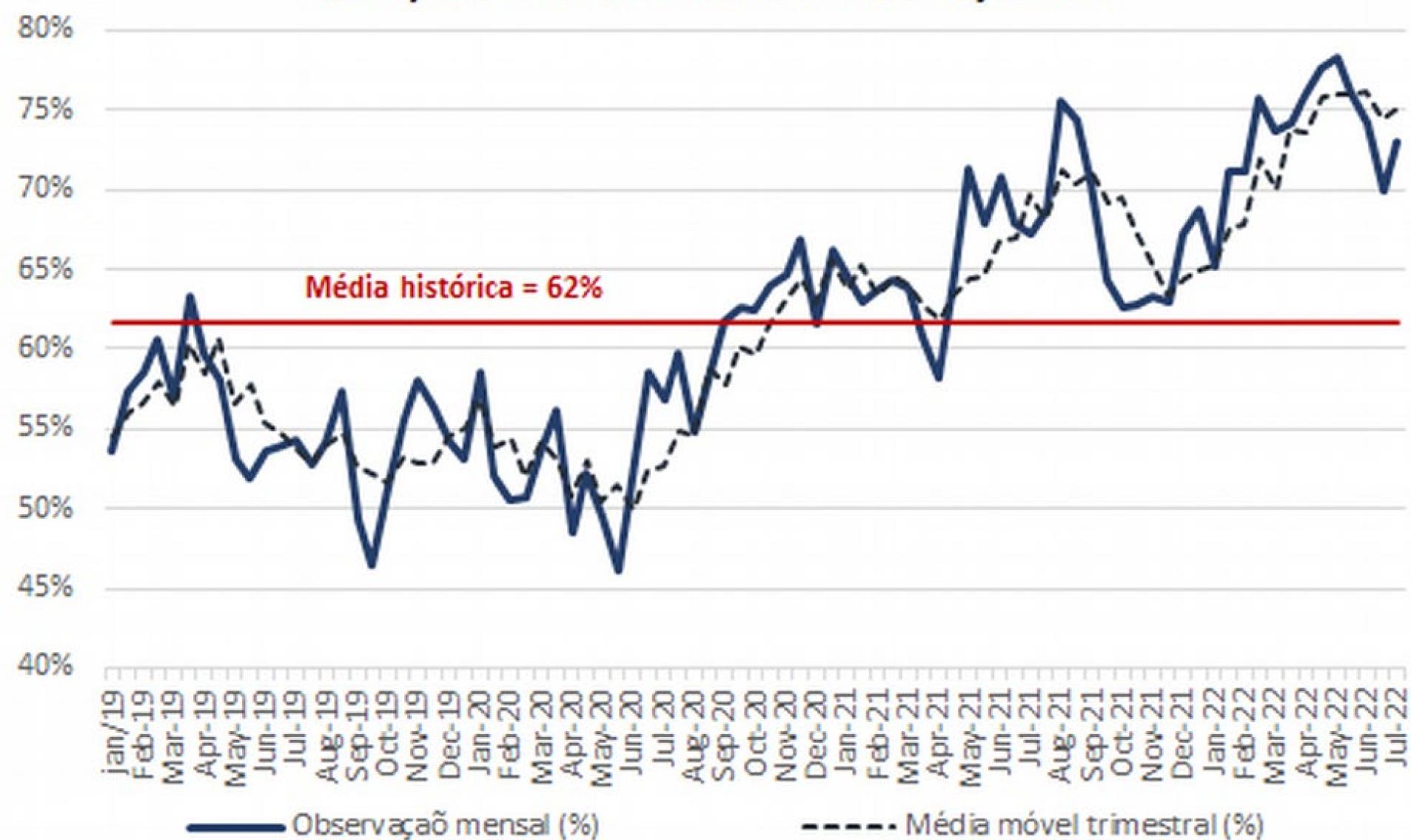
taxa de desemprego no País recuou para 9,3% no segundo trimestre, a menor taxa para um segundo trimestre desde 2015. Com a redução dos níveis de desemprego, mesmo com a renda média deteriorada, em boa medida, por efeitos inflacionários, os índices de confiança mantiveram trajetória de alta.

Os bons resultados da atividade econômica brasileira no

primeiro semestre do ano, embora motivados por impulsos temporários de estímulo ao consumo, surpreenderam ao caminhar na contramão de outras grandes economias. No entanto, os desafios guardados aos países emergentes deverão ser maiores do que para as grandes economias daqui para frente.



Brasil, IPCA/IPCA-15: taxa de dispersão (%)
Com ajuste sazonal. Fonte: IBGE. Elaboração: LCA.





No mês de julho, o principal índice da bolsa de valores subiu 4,7% e voltou a romper a marca dos 100 mil pontos. Já o dólar, por conta de um ambiente mais propenso ao risco e dados relativamente favoráveis ao Brasil, caiu 1,1% no acumulado do mês e as taxas de juros prefixadas de longo prazo subiram. Nas bolsas globais, o desempenho foi positivo, impactado pelos balanços corporativos e

movimentos dos Treasuries. O índice americano S&P 500 subiu 9,1% - melhor resultado desde 2020. Na Europa, por sua vez, o índice alemão avançou 5,4% no mesmo período. Por fim, o principal fundo índice de bolsas emergentes recuou marginalmente no mês.

Renda Variável

Variáveis Macroeconômicas	2019	2020	2021	2022	2023	2024
PIB (%aa)	1,41	-4,06	4,60	1,40	1,00	3,00
Meta Taxa Selic (final de período, %aa)	4,50	2,00	9,25	14,00	13,25	11,25
Meta Taxa Selic (média, %aa)	5,96	2,81	4,81	12,75	13,85	12,23
IGP-M (%aa)	7,32	23,14	17,78	11,87	4,21	3,91
IPCA (%aa)	4,31	4,52	10,06	7,80	5,19	3,18
Câmbio US\$ (final de período)	4,03	5,20	5,57	5,13	5,27	5,26
Câmbio US\$ (média)	3,95	5,16	5,40	5,12	5,29	5,34
TJLP (final de período, %aa)	5,57	4,55	5,32	6,67	5,54	5,18

Projeções são elaboradas pela Unidade de Finanças e Tesouraria - Gerência de Assuntos Econômicos e de Investimentos

Da Economia **Para você**



Em um cenário de inflação elevada e ruídos diplomáticos entre as duas maiores economias do mundo, o acompanhamento do noticiário econômico e político nos ajuda a entender a dinâmica dos mecanismos que fundamentam a tomada de decisões inteligentes para os nossos investimentos. Com base nisso, compartilhamos algumas de nossas projeções para os principais

indicadores econômicos.

PIB

No que diz respeito às projeções de crescimento da atividade econômica, a expectativa se manteve inalterada para 2022 e 2023, respectivamente em 1,4% e de 1%. A atividade econômica recebeu um forte impulso nos primeiros meses de 2022, o que será reforçado com o aumento no valor do Auxílio Brasil. Esse fato, deverá garantir

um incremento no resultado do PIB para o ano corrente. Por outro lado, o próximo ano ainda é cercado pelas incertezas da corrida eleitoral e os desdobramentos da crise global.

Taxa de Juros

Após a confirmação da elevação na taxa básica de juros para 13,75%, acreditamos que o Copom realizará um derradeiro aumento de 25 pontos base na

próxima reunião da autoridade. Desta forma, a taxa de juros encerrará o ano em 14% a.a.. Esse patamar deverá sofrer cortes ao longo de 2023, diante de uma trégua da inflação, encerrando o ano em 13,25%.

Inflação

A projeção para o IPCA de 2022 foi revisada para 7,37%, muito por conta dos sinais de retração nos preços internacionais das

commodities, que tendem a impactar os mais variados itens de consumo. Para 2023, acreditamos que o IPCA irá reduzir o ritmo de avanço para 5,86% - distante do centro da meta da autoridade monetária.

Câmbio

Tendo em vista o diferencial de juros (Brasil x EUA), mantivemos nossa projeção para a taxa de câmbio de R\$ 5,22, ao fim de 2022 e R\$ 5,27, ao fim de 2023.

Indicadores Econômico-Financeiros

Tipo	ago/21	set/21	out/21	nov/21	dez/21	jan/22	fev/22	mar/22	abr/22	mai/22	jun/22	jul/22	Acumulado (%)		
													Ano	12 m	24 m
Poupança (% a.m.) ¹	0,50	0,50	0,50	0,50	0,55	0,56	0,50	0,59	0,56	0,67	0,65	0,66	4,27	6,96	13,55
Poupança (% a.m.) ²	0,24	0,30	0,36	0,44	0,49	0,56	0,50	0,59	0,56	0,67	0,65	0,66	4,27	6,20	8,03
CDI (% a.m.)	0,43	0,44	0,49	0,59	0,77	0,73	0,76	0,93	0,83	1,03	1,02	1,03	6,51	9,43	12,08
Selic (% a.m.)	0,43	0,44	0,49	0,59	0,77	0,73	0,76	0,93	0,83	1,03	1,02	1,03	6,51	9,43	12,08
Ouro (%)	-1,81	1,84	4,77	0,47	3,13	-8,33	1,49	-4,89	2,40	-6,69	7,60	-3,40	-12,12	-4,61	-11,59
Dólar Comercial (%)	-0,77	5,34	3,71	-0,18	-1,11	-4,83	-2,81	-7,70	3,85	-3,86	10,13	-1,12	-7,18	-0,68	-0,83
IGP-M (% a.m.)	0,66	-0,64	0,64	0,02	0,87	1,82	1,83	1,74	1,41	0,52	0,59	0,21	8,39	10,08	47,31
TBF (%) ³	0,42	0,42	0,50	0,59	0,69	0,76	0,76	0,87	0,82	0,98	0,99	0,98	6,33	9,16	11,82
TR (%) ³	0,00	0,00	0,00	0,00	0,05	0,06	0,02	0,10	0,06	0,17	0,17	0,16	0,74	0,79	0,79
Ibovespa (%)	-2,48	-6,57	-6,74	-1,53	2,85	6,98	0,89	6,06	-10,10	3,22	-11,50	4,69	-1,58	-15,30	0,24

Referências

Acumulado Ano 2022 = Jan/22 a Jul/22
 Acumulado 12 meses = Ago/21 a Jul/22
 Acumulado 24 meses = Ago/20 a Jul/22

1) Referente ao primeiro dia do mês e depósitos realizados até 03/05/2012.

2) Referente ao primeiro dia do mês e depósitos realizados a partir de 04/05/2012.

3) Referente ao 1º dia do mês.

Obs: Resultados obtidos no passado não representam garantia de rentabilidade futura.

Em 01/08/22



banrisul.com.br/afinidade

SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

Baixe o app:



Siga nossas redes sociais:

